

O "JOSÉ DE ARIMATÉIA" DA TRADIÇÃO ARTURIANA

Antonio L. Furtado *

RESUMO: Enigma em texto arturiano do século XIII é investigado por meio do exame de fontes, bem como de considerações históricas e lingüísticas. A obra estudada se insere na *Matéria da Bretanha*, representada de forma significativa na literatura portuguesa medieval.

Palavras-chave: Arturiana, Graal, apócrifos do Novo Testamento, conflagração, desdobramento.

1. ANOS QUE PARECEM DIAS

José de Arimatéia é libertado da prisão por Vespasiano. Parece perplexo ao sair, não reconhece nem mesmo a mulher e o filho, Josefes. Pergunta-lhe Vespasiano (Chase, 1993, p. 13):

"José, por quanto tempo acredita ter permanecido nesta prisão?" Respondeu José. "Meu senhor, penso ter ficado aqui de sexta-feira até o dia de hoje, e creio que hoje é domingo. Foi na sexta-feira que baixe o verdadeiro Profeta da cruz, e por tal motivo fui aprisionado." Ao ouvir isso, todos em volta começaram a rir, pois lhes parecia que ele saíra desorientado.

Vespasiano explica-lhe que quarenta e dois anos haviam transcorrido desde sua prisão, quando Tibério imperava em Roma. O pai de Vespasiano governava agora, como quarto sucessor de Tibério.

Vamos, no que se segue, tentar entender a causa desses risos, essa estranha confusão de três dias com quarenta e dois anos, encontrada na obra arturiana do século XIII conhecida como *A estória do Santo Graal*. A investigação nos levará, de início, a examinar as próprias

* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

narrativas integrantes da *Matéria da Bretanha* (Megale, 1995), das quais resultaram alguns dos mais belos textos da literatura portuguesa medieval, passando então a considerar suas fontes bíblicas, tanto canônicas como apócrifas. Mas a resposta ainda parecerá incompleta. É no estudo histórico que iremos encontrar uma pista – apoiada afinal por uma curiosa constatação lingüística.

2. ESTÓRIAS DO GRAAL

O Graal, como objeto maravilhoso, surge pela primeira vez em *Le conte du Graal* de Chrétien de Troyes. Falecendo antes de completar o poema, Chrétien não chega a revelar a natureza do objeto. Mas ficamos sabendo que ele é "tão santa coisa" que, por sua virtude, mantém vivo um recluso que durante doze anos só se alimenta de uma hóstia trazida nele. Continuadores de Chrétien viriam associar o Graal a objetos relacionados com a Paixão de Cristo (Riquer e Riquer, 1989, p. 411).

No poema com o qual José de Arimatéia é incorporado à tradição arturiana, *Le roman de l'Estoire dou Graal*, atribuído a um certo Robert de Boron, essa associação é mantida: o Graal seria a escudela de que Jesus se servira na última ceia, e em que José teria recolhido seu sangue ao retirá-lo da cruz (Micha, 1995, p. 24-5). O ato de recolher o sangue de Cristo na cena da Crucificação era, aliás, motivo pictórico de ocorrência freqüente no período medieval, servindo de exemplo o Paramento de Narbonne (circa 1375), mostrado na figura a seguir. Segundo Robert de Boron, José foi aprisionado pelos judeus logo após ter colocado o corpo de Jesus no sepulcro de pedra que mandara edificar para si mesmo. O próprio Cristo lhe aparece na prisão, trazendo o Graal que o confortará até o dia da libertação. A narrativa passa então a falar da lepra de que sofria Vespasiano, filho do imperador, e de como a enfermidade foi curada no momento em que lhe foi trazido e mostrado, pela mulher chamada Verônica, o pano em que ficara reproduzida a face de Cristo.

Após a cura, Vespasiano ouve contar sobre a morte de Cristo e decide vingá-la. Dirige-se à Judéia, onde faz com que os culpados sejam mortos, e liberta José de Arimatéia da prisão.

A grande coletânea arturiana em prosa do século XIII, conhecida como *Vulgata*, inclui, como primeira dentre as cinco partes que a constituem, o livro *A estória do Santo Graal*, citado no começo deste trabalho. Ali é retomada a elucidação de Robert de Boron sobre a origem do Graal, numa reelaboração bastante extensa e detalhada. Uma das inovações é a de apresentar Tito como pai de Vespasiano... Outra é atribuir um filho, chamado Josefes, a José de Arimatéia. Talvez valha a pena lembrar que, em nossa língua (embora não em hebraico ou aramaico!), a terminação "es" era usada para designar "filho de"; por exemplo, Pedro Álvares significava Pedro filho de Álvaro. Eis como o filho de José nos é apresentado (Chase, 1993, p. 9):

"Esse homem, José [de Arimatéia], vivia em Jerusalém com a mulher e um filho chamado Josefes, não aquele em que a Escritura tanto se baseia como testemunha, mas outro não menos letrado."

deixando-nos intrigados sobre quem seria esse primeiro Josefes, tão ilustre e de testemunho tão relevante.



Detalhe do Paramento de Narbonne (Museu do Louvre)

3. O HOMEM DE ARIMATÉIA

José de Arimatéia figura nos quatro Evangelhos: Mateus 27:57, Marcos 15:42, Lucas 23:50, João 19:38. Neles aprendemos apenas que José, homem de certa importância, secretamente adepto de Jesus mas escondendo sua fé por temor dos judeus, pede a Pilatos o corpo do Crucificado e o encerra em sepulcro de sua propriedade. A cidade de Arimatéia é possivelmente a mesma que Ramataim, local de nascimento do profeta Samuel (Galbiati e Aletti, 1991, p. 245).

Textos apócrifos retomam o tema e o expandem. O *Evangelho de Nicodemo* (na parte denominada *Atos de Pilatos*) introduz a prisão de José pelos judeus (Otero, 1963, p. 425), mas faz com que ele permaneça cativo apenas até a ressurreição. No momento desta ele se vê libertado, conforme conta a seus algozes (Otero, 1963, p. 435):

"Na sexta-feira, na hora décima, fui encarcerado por vós e lá fiquei por todo o sábado. Mas, à meia noite, enquanto estava de pé orando, a casa em que me confinastes foi suspensa por suas quatro extremidades e vi como que um relâmpago de luz ante meus olhos. Atemorizado, caí por terra. Mas alguém me tomou pela mão e me fez levantar..."

esclarecendo depois que era Cristo que lhe vinha ao encontro.

A expedição punitiva contra os judeus é narrada em outro texto apócrifo: *A vingança do Salvador*. Nela ocorre separadamente a cura de dois enfermos: primeiro Tito e depois Tibério. Tito seria, sob o domínio de Tibério, regente de uma cidade da Líbia (Otero, 1963, p. 513). Decidindo punir os judeus, Tito convoca a ajuda de Vespasiano – que não é dito ter com ele qualquer parentesco. José de Arimatéia e Nicodemo aparecem relatando a Velosiano, emissário de Tibério, os fatos da morte de Jesus e sobre o cativo de José, libertado no momento da ressurreição.

4. ROMA CONTRA A JUDÉIA

A história não registra tais enfermidades nem quanto a Vespasiano nem quanto a Tito. Mas consta que Tibério tinha o rosto desfigurado,

motivo que o teria levado a isolar-se em Capri. Diziam dele (Tácito, 1947, v. 1, p. 392-3):

"Havia quem acreditasse que, na velhice, sua aparência física o envergonhava: o corpo alto, magro em demasia e recurvado, a fronte calva, o rosto cheio de úlceras, freqüentemente salpicado de emplastos."

Vespasiano e Tito atuaram como comandantes de legiões romanas, para combater uma rebelião na Judéia, no tempo em que Nero era imperador. Como é sabido, Tito era filho primogênito de Vespasiano; o equívoco no texto da *Vulgata* arturiana, que faz de Vespasiano filho de Tito, tem porém uma atenuante: ambos se chamavam Titus Flavius Vespasianus...

A campanha romana na Judéia é contada em detalhes por um judeu, Josefo, misto de religioso, chefe militar e escritor. Conforme nos narra em seu livro *As guerras dos judeus*, escrito originalmente em aramaico e depois traduzido para o grego, Josefo comandou uma força judia em Jotapata que, por mais de 40 dias, resistiu ao assédio de Vespasiano. Quando a derrota se configurou, os comandados de Josefo declararam preferir o suicídio à rendição. Ele, porém, convenceu-os a estabelecer pela sorte um esquema em que uns matariam os outros até que só restasse um homem, o qual então seria o único a suicidar-se. Ou por arranjo ou por boa fortuna, Josefo ficou entre os dois últimos, e com sua eloquência persuadiu o companheiro a se entregarem. Vespasiano dispôs-se a mandá-lo a Nero, que certamente o faria executar. Josefo recorreu a um expediente engenhoso: profetizou ao romano sua breve subida ao trono, e convenceu-o de que mais valia guardar junto a si o "profeta" de tão boas predições...

Não muito tempo depois, morre Nero e, no período de agitação que se segue, parte do exército proclama Vespasiano imperador. Lembrado da "profecia", Vespasiano apressou-se a libertá-lo, proclamando diante de seus homens (Josefo, 1995, p. 694):

"É uma vergonha que este homem que previu com antecedência minha subida ao poder imperial, sendo portador dessa mensagem divina dirigida a mim, ainda seja mantido na condição de cativo ou prisioneiro."

Tito prontamente apoiou essas palavras. Na companhia de Tito, Josefo assistiria mais tarde à destruição do templo de Jerusalém e à ruína total da Judéia, que precipitaram a dispersão (diáspora) dos judeus pelo mundo (Josefo, 1995, p. 740).

É histórica, portanto, a destruição da Judéia por Vespasiano e Tito, embora não como vingança pela morte do Salvador, mas para sufocar a rebelião contra o poder de Roma. E é fato histórico a libertação, por Vespasiano, do homem – Josefo – que iria presenciar essa devastação! Cabe pois indagar se haveria outras coincidências. Teria Josefo algo a ver com o Josefes apontado como filho de José de Arimatéia na *Vulgata* arturiana? De fato, Josefo é um bom candidato àquele primeiro e ilustre Josefes, cujo testemunho, na obra *As Antiguidades Judaicas*, seria precioso como confirmação da Escritura. Diz ele, em trecho que Eusébio iria copiar no século quarto em sua *História eclesiástica* (I.XI.7-8), e que, entretanto, hoje se suspeita resultar de uma interpolação (Josefo, 1995, p. 480):

"Houve nesse tempo um homem bom, de nome Jesus, se é legítimo chamar de homem a alguém que praticou tantas obras maravilhosas – um mestre para todos os que acolhem a verdade com alegria. Ele atraiu muitos para si, tanto judeus como gentios. Ele foi o Cristo, e quando Pilatos, por solicitação dos principais dentre os nossos, o condenou à cruz, aqueles que o amavam desde o início não o renegaram, pois ele lhes apareceu de novo vivo no terceiro dia, confirmando essas e inúmeras outras maravilhas que os profetas divinos tinham predito sobre ele. E a tribo dos Cristãos, assim chamada por causa dele, até o dia de hoje não se extinguiu."

É digno de nota que palavras semelhantes são atribuídas a José de Arimatéia, pranteando o Crucificado, na segunda forma grega dos *Atos de Pilatos* (capítulo 11): "Ai de mim! doce Jesus, homem excelso, se é deveras apropriado chamar-te de homem, a ti que obraste tais milagres como nenhum homem jamais logrou."

5. O FILHO DE MATIAS

Josefo ou, mais precisamente, Flavius Josephus, não era seu nome original e sim a forma latinizada, adotada após cair nas boas graças de

Vespasiano e Tito, cujo nome de família era Flavius. O nome original era, como se poderia esperar, Joseph. Conforme o costume, completava-se a identificação acrescentando-se o nome do pai, Matias, introduzido por "ben" (filho de) em hebraico, ou pela forma aramaica, mais usual na época, "bar".

Podemos agora formular a tese deste trabalho:

- José de Arimatéia foi o homem recolhido à prisão. Mas quem foi libertado foi José filho de Matias.

Cabe aqui uma colocação filológica: a conflagração dos dois personagens seria facilitada por uma notável semelhança de nomes. Para começar, experimentemos reescrever "de Arimatéia" substituindo a preposição "de" (idêntica em francês e português) pela preposição latina "ab". Tal liberdade era comum na época medieval, justificando-se como reminiscência da leitura dos textos bíblicos. O título da prestigiosa tradução portuguesa do século XIV da narrativa, hoje perdida, que integrava outra coletânea francesa, intitulada *Post-Vulgata* por Fanni Bogdanow, exemplifica essa substituição: *Liuro de Josep Ab aramatia* (Carter, 1967; Toledo Neto, 1993). Comparemos portanto como soam, pronunciados em voz alta:

(1) Joseph ab Arimathia

(2) Joseph bar Matthias

Acrescente-se que, como veremos, formas alteradas do nome do primeiro sugerem uma transição gradual de (1) para (2). Para iniciar, era permitido escrever "ab Arimathia" sem o espaço de separação, o que explica a grafia "Josep Abaromacie" registrada na *Primeira continuação de Perceval* (Roach, 1993, p. 494). Diante dessa forma aglutinada, "Abarimathia", um escriba descuidado facilmente incorreria no abandono do "A" inicial, evidenciado nos seguintes versos do próprio *Le roman de l'Estoire dou Graal* (Nitze, 1927, p. 49):

Tout li Giué en Beremathye,
S'assemblent a grant compeignie.
[Todos os judeus em Arimatéia
Reúnem-se em grande número].

Comprovando como a absorção da preposição "ab" fora esquecida, pelo menos um manuscrito (Lyon, Bibliothèque Municipale 867, segunda metade do século XIII) da tradução em francês antigo do *Évangelho de Nicodemo* intercala um "de", visivelmente sem se dar conta da redundância, vindo assim a consignar a variante "i Joseph de barimachie" (Ford, 1973, p. 102). E ainda mais próxima a (2) é a forma do locativo que aparece na chamada versão não-cíclica do *Lancelot* em prosa (Kennedy, 1980, vol. 1, p. 292):

Ce est li fruz par coi Josep de Barimathia et si compaignon furent sostenu quant il s'an venoient de la terre de promission an ceste estrange país par lo comendement Jhesu Crist et par son conduit.

[É o fruto pelo qual José de Arimatéia e seus companheiros foram sustentados quando vinham da terra prometida a este país estrangeiro por ordem de Jesus Cristo e por ele guiados.]

À *conflação*, consumada na obra de Robert de Boron, acrescenta-se o *desdobramento* introduzido na *Vulgata* arturiana: o aparecimento do filho de José de Arimatéia, Josefes, que – é o autor que nos adverte – não deve ser confundido com o Josefes, homem de letras tão reputado na época. É claro, no entanto, que a negativa acaba produzindo o efeito inverso de nos fazer pensar nele... Estaria o autor da *Vulgata* consciente dessa manipulação do José de Arimatéia arturiano? Se assim for, então devemos perceber, por trás do riso dos circunstantes diante dos quarenta e dois anos que parecem três dias, o sorriso cúmplice do próprio autor, que nos fornece a pista e nos desafia a segui-la. E descobrimos, no fim, como o enlace dessas linhas narrativas de procedências diversas se opera através da aproximação das *palavras*.

BIBLIOGRAFIA

- CARTER, H. H. (ed.) (1967) *The portuguese book of Joseph of Arimathea*. Chapel Hill, The University of North Carolina Press.
- CHASE, C. J. (trad.) (1993) *The history of the Holy Grail*. In LACY, N. J. (ed.) *Lancelot-Grail*, v. 1. New York, Garland.
- EUSÉBIO (1965) *Histoire ecclésiastique*, v. 1. Trad. G. Bardy. Paris, Éditions du Cerf.

Filol. lingüíst. port., n. 4, p. 159-167, 2001.

- FORD, A. E. (ed.) (1973) *L'Évangile de Nicodème*. Genève, Droz.
- GALBIATI, E.; ALETTI, A. (1991) *Atlas histórico da Bíblia e do Antigo Oriente*. Trad. A. Angonese. Petrópolis, Vozes.
- JOSEFO (1995) *The wars of the jews*. In WHISTON, W. W. (trad.) *The works of Josephus*. Peabody, Hendrickson Publishers.
- _____. (1995) *The antiquities of the jews*. In WHISTON, W. W. (trad.) *The works of Josephus*. Peabody, Hendrickson Publishers.
- KENNEDY, E. (ed.) (1980) *Lancelot do Lac*. Oxford University Press.
- MEGALE, H. (1995) Matéria da Bretanha: da França ao Ocidente da Península Ibérica. *Anais do Segundo Encontro de Estudos Românicos*. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, p. 11-21.
- MICHA, A. (trad.) (1995) *Le roman de l'Histoire du Graal*. Paris, Honoré Champion.
- NITZE, W. A. (ed.) (1927) *Le roman de L'Estoire dou Graal*. Paris, Librairie Ancienne Honoré Champion.
- OTERO, A. S. (ed.) (1963) *Vindicta Salvatoris*. In *Los Evangelios Apócrifos*. Madrid, La Editorial Católica.
- _____. (ed.) (1963) *Acta Pilati*. In *Los Evangelios Apócrifos*. Madrid, La Editorial Católica.
- RIQUER, M.; RIQUER, I. (trads.) (1989) *El cuento del Grial de Chrétien de Troyes y sus continuaciones*. Madrid, Ediciones Siruela.
- ROACH, W. (ed.) (1993) *Première continuation de Perceval*. Trad. C.-A. Van Coolput-Storms. Paris, Le Livre de Poche.
- TÁCITO (1947) *Annales*. Trad. Henri Bornecque. Paris, Librairie Garnier Frères.
- TOLEDO NETO, S. A. (1993) *Liuro de Josep Ab aramatia and the works of Robert de Boron*. *Arthuriana*, vol. 3, n. 3, p. 36-45.

ABSTRACT: An enigma in a text of the XIIIth century is investigated through the study of sources, as well as historic and linguistic considerations. The work under scrutiny belongs to the *Matter of Britain*, significantly represented in medieval portuguese literature.

Keywords: Arthuriana, Grail, New Testament apocripa, conflation, doubling.